

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

4

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

4

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade 4

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I62 Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade 4 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André Ricardo Lucas Vieira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-775-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.755211312>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade”, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas temáticas, ligadas à Educação, que a compõe.

Ao refletirmos sobre a Investigação Científica percebemos sua importância para a Educação, pois permite o desenvolvimento do potencial humano que os envolvidos mobilizam no processo de pesquisa; ou seja, é o espaço mais adequado para estimular a curiosidade epistemológica, conduzindo a aprendizagens que podem nascer de problemáticas postas pelas diversas questões cotidianas.

Depois da mobilização ocasionada pelas diversas inquietudes que nos movimentam na cotidianidade e ao aprendermos a fazer pesquisa, entendendo o rigor necessário, nos colocamos diante de objetos de conhecimentos que exigem pensar, refletir, explorar, testar questões, buscar formas de obter respostas, descobrir, inovar, inventar, imaginar e considerar os meios e recursos para atingir o objetivo desejado e ampliar o olhar acerca das questões de pesquisa.

Nesse sentido, os textos avaliados e aprovados para comporem este livro revelam a postura intelectual dos diversos autores, entendendo as suas interrogações de investigação, pois é na relação inevitável entre o sujeito epistemológico e o objeto intelectual que a mobilização do desconhecido decorre da superação do desconhecido. Esse movimento que caracteriza o sujeito enquanto pesquisador ilustra o processo de construção do conhecimento científico.

É esse movimento que nos oferece a oportunidade de avançar no conhecimento humano, nos possibilitando entender e descobrir o que em um primeiro momento parecia complicado. Isso faz do conhecimento uma rede de significados construída e compreendida a partir de dúvidas, incertezas, desafios, necessidades, desejos e interesses pelo conhecimento.

Assim, compreendendo todos esses elementos e considerando que a pesquisa não tem fim em si mesmo, percebe-se que ela é um meio para que o pesquisador cresça e possa contribuir socialmente na construção do conhecimento científico. Nessa teia reflexiva, o leitor conhecerá a importância desta obra, que aborda várias pesquisas do campo educacional, com especial foco nas evidências de temáticas insurgentes, reveladas pelo olhar de pesquisadores sobre os diversos objetos que os mobilizaram, evidenciando-se não apenas bases teóricas, mas a aplicação prática dessas pesquisas.

Boa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

LA EDUCACIÓN MEDIÁTICA EN EL AMBIENTE ACADÉMICO DE LA UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA DE LA MIXTECA

Olivia Allende Hernández

Celia Bertha Reyes Espinoza

Liliana Eneida Sánchez Platas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113121>

CAPÍTULO 2..... 13

O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Anderson Bosco

Ana Cláudia Maciel de Moraes

Elisabethe Barbosa da Silva

Larissa Mayara Rodrigues

Luciana Fernandes Cimetta

Luís Fernando Ferreira de Araújo

Michele Fernandes Santos

Rose Mary Messias

Ruth de Oliveira Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113122>

CAPÍTULO 3..... 27

GENERALIZAÇÃO DE PADRÕES EM ATIVIDADES QUE ENVOLVEM SEQUÊNCIAS: UM ESTUDO A PARTIR DA ANÁLISE DE UMA COLEÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO DE MATEMÁTICA DO ENSINO MÉDIO

Danrlei Silveira Trindade

Cátia Maria Nehring

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113123>

CAPÍTULO 4..... 42

DISEÑO CURRICULAR DE LA ESPECIALIDAD EN DOCENCIA EN EDUCACIÓN SUPERIOR

Elia Olea Deserti

Erika Vanessa Kassab Castillo

Mariana Sosa Arias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113124>

CAPÍTULO 5..... 51

EXPERIÊNCIAS EM RADIOLOGIA BÁSICA NO ENSINO BASEADO EM PROBLEMAS MODIFICADO (EPBM)

Plauto Christopher Aranha Watanabe

Giovani Antônio Rodrigues

Fernanda Botelho Martins

Marcelo Rodrigues Azenha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113125>

CAPÍTULO 6..... 79

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE INÁCIO DE LOYOLA COMO uma REFERÊNCIA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DO EDUCADOR

Juarez Francisco da Silva
Paulo Sergio Orti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113126>

CAPÍTULO 7..... 88

RESGATANDO O CONHECIMENTO POPULAR SOBRE PLANTAS MEDICINAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Katherine Sá Rodrigues
Willian César de Castro Faria
Anderson Altair Pinheiro de Macedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113127>

CAPÍTULO 8..... 101

A BIBLIOTECA VAI A SALA DE AULA: PROTAGONISMO JUVENIL NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO E FRUIÇÃO DAS ARTES

Adriana Alves Barbosa
Maria do Rosário Soares Lima
Milene Medeiros de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113128>

CAPÍTULO 9..... 112

APRENDIZAJE –SERVICIO EN LA IMPLEMENTACIÓN DE POLÍTICA PÚBLICA PARA LA INFANCIA

Leticia López

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552113129>

CAPÍTULO 10..... 121

TP(A)CK, FORMAÇÃO DE PROFESSORES, EAD: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO...

Paula Andréa de Oliveira e Silva Rezende
Nedia Maria de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131210>

CAPÍTULO 11..... 135

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ENSINO DE ASTRONOMIA - UM INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ludmila Siqueira Moura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131211>

CAPÍTULO 12..... 140

O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ENQUANTO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

Maria Filomena Pestana Martins Silva Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131212>

CAPÍTULO 13..... 152

MOTIVACIONES HACIA LA FORMACIÓN DOCENTE EN ESTUDIANTES NORMALISTAS
RECIÉN ADMITIDOS: UN ESTUDIO EPISTOLAR

José Francisco Acuña Esquer

Emigdio Germán Martínez Vázquez

Rubayyath Gildebar do Escamilla Flores

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131212>

CAPÍTULO 14..... 164

OS SEGREDOS DA QUÍMICA, ESCONDIDOS NA HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

Henrique Faria Paula

Jacqueline Santos Shimohira

Nirvana July Rodrigues Mota

Karla Amâncio Pinto Field's

Raquel Aparecida Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131212>

CAPÍTULO 15..... 175

ENTRE “TODA UNA MUJER” Y “MUY POCA MUJER” O SOBRE LA FUNCIÓN DE LOS
(DES)INTENSIFICADORES EN LA CATEGORIZACIÓN Y EN LA FORMULACIÓN DE
ESTEREOTIPOS

Lino Martínez Rebolgar

Saúl Hurtado Heras

Guadalupe Melchor Díaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131212>

CAPÍTULO 16..... 187

A EXPÉRIENCIA DA LOJA DA AGRICULTURA FAMILIAR NAS ESTRATÉGIAS DE
COMERCIALIZAÇÃO PARA O SETOR EM GOIÂNIA-GO

Sara Duarte Sacho

Warde Antonieta da Fonseca Zang

Joachim Werner Zang

Wilson Mozena Leandro

Luiza Campos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131212>

CAPÍTULO 17..... 200

UNIDADE DE ENSINO POTENCIALMENTE SIGNIFICATIVA NO ESTUDO
PROBLEMATIZADOR DO EFEITO FOTOELÉTRICO E FOTOVOLTAICO

Everton Cavalcante

Mateus Patrício Barbosa Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131212>

CAPÍTULO 18	207
<i>DESIGN SPRINT</i> APLICADO AO ESTUDO CRÍTICO DE <i>CLAIM</i> COSMÉTICO	
Carla Aparecida Pedriali Moraes	
Francisco Felinto da Silva Junior	
Priscila Praxedes-Garcia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131218	
CAPÍTULO 19	213
DRENAGEM LINFÁTICA MANUAL: PROPOSTA DE UM GUIA DESCRITIVO ILUSTRADO	
Jackeline Tiemy Guinoza Siraichi	
Roberta Ramos Pinto	
Juliana Gomes Fernandes	
Reinaldo Celso Moura	
Tatiana Romani Moura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131219	
CAPÍTULO 20	224
IDENTIFICANDO A REPRESENTATIVIDADE DAS ESTRUTURAS DE UMA GARRAFA TÉRMICA NOS PROCESSOS DE TROCA DE CALOR COM O AMBIENTE	
Luciano Soares Pedroso	
José Antônio Pinto	
Thalles Abreu Mezêncio	
João Paulo de Araújo Cruz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.75521131220	
SOBRE OS ORGANIZADORES	241
ÍNDICE REMISSIVO	242

CAPÍTULO 15

ENTRE “TODA UNA MUJER” Y “MUY POCA MUJER” O SOBRE LA FUNCIÓN DE LOS (DES) INTENSIFICADORES EN LA CATEGORIZACIÓN Y EN LA FORMULACIÓN DE ESTEREOTIPOS

Data de aceite: 01/12/2021

Lino Martínez Rebollar

Centro Universitario UAEM Amecameca, forman parte del cuerpo académico Literatura, lengua y cultura de América Latina

Saúl Hurtado Heras

Centro Universitario UAEM Amecameca, forman parte del cuerpo académico Literatura, lengua y cultura de América Latina

Guadalupe Melchor Díaz

Centro Universitario UAEM Amecameca, forman parte del cuerpo académico Literatura, lengua y cultura de América Latina

RESUMEN: Se aborda en este artículo la semántica de un grupo frases formadas por palabras modificadoras antepuestas al sustantivo *mujer*, en predicaciones tales como *demasiada mujer*, *mucha mujer*, *bastante mujer*, *toda una mujer* y *poco/a mujer*. En los estudios lingüísticos se ha propuesto nombrar a estas predicaciones como “marcadores de categorialidad” (Ruiz, 2014: 88) o incluso como “(des)intensificadores de categorialidad” (Lakoff, 1973: 471). Se muestra en el presente documento que, además de (des)intensificar la pertenencia a la categoría correspondiente (*mujer*), los usos estudiados en torno a las féminas suelen introducir estereotipos, ubicados en terrenos tales como la sexualidad y el erotismo, la belleza, el arreglo personal, el estado civil o distintos tipos de desarrollo

(temporal, anatómico, fisiológico, experiencial, conductual, educativo, profesional, moral). El artículo muestra como en el discurso en lengua española ciertas combinaciones fraseológicas obligan a los hablantes explicitar posturas en torno a lo femenino.

PALABRAS CLAVES: (Des)intensificadores de categorialidad, discurso, semántica, estereotipos, sexismo.

ENTRE “TODA UNA MUJER” Y “MUY POCA MUJER” OU NO PAPEL DOS (DES) INTENSIFICADORES NA CATEGORIZAÇÃO E FORMULAÇÃO DE ESTEREOTIPOS

RESUMO: Este artigo aborda a semântica de um conjunto de frases formado por palavras modificadoras precedidas do substantivo *mujer* (*mulher*), em predicacões espanholas como *demasiada mujer*, *mucha mujer*, *bastante mujer*, *toda una mujer* y *poco/a mujer*. Nos estudos linguísticos, foi proposto denominar essas predicacões como “marcadores de categorialidade” (Ruiz, 2014: 88) ou mesmo como “(des) intensificadores de categorialidade” (Lakoff, 1973: 471). Mostra-se neste documento que, além de (des) intensificar o pertencimento à categoria correspondente *mujer* (*mulher*), os usos estudados em torno das mulheres tendem a introduzir estereótipos, localizados em áreas como sexualidade e erotismo, beleza, higiene pessoal, estado civil ou diferentes tipos de desenvolvimento (temporal, anatómico, fisiológico, experiencial, comportamental, educacional, profissional, moral). O artigo mostra como, no discurso da língua espanhola, certas

combinações fraseológicas o obrigam a fazer posições explícitas em torno do feminino.

PALAVRAS CHAVE: (Des)intensificadores de categorialidade, discurso, semântica, estereótipos, sexismo.

BETWEEN “TODA UNA MUJER” Y “MUY POCA MUJER” OR THE ROLE OF (DE) INTENSIFIERS IN CATEGORIZATION AND FORMULATION OF STEREOTYPES

ABSTRACT: This article deals with the semantics of a group of phrases formed by a modifying word and the noun *mujer* (woman), in spanish predications such as *demasiado mujer*, *mucha mujer*, *bastante mujer*, *toda una mujer* y (*muy*) *poco/a mujer*. In linguistic studies, the name proposed for this predications was “categoriality markers” (Ruiz, 2014: 88) or even “categoriality (des) intensifiers” (Lakoff, 1973: 471). In this article is shown that, in addition to intensifying o desintensifying the belonging to the category *mujer* (woman), theses predications introduce stereotypes, situated in cognitive domains such as sexuality and eroticism, beauty, personal grooming, marital status or different types of development (temporal, anatomical, physiological, experiential, behavioral, educational, professional, moral development). The present article explains how in the discourse certain phraseological combinations force the speaker or the writer to take explicit positions around the feminine.

KEYWORDS: Categorial (des)intensifiers, discourse, semantics, stereotypes, sexism.

INTRODUCCIÓN

Los objetivos del trabajo son describir la semántica de las frases categorizadoras (des)intensificadoras, explicar los elementos discursivos que les son propios y, por último, describir los estereotipos manifestados por estas predicaciones, sobre todo a nivel de semántica discursiva.

En español, usualmente estos modificadores (des)intensificadores se emplean antepuestos a adjetivos para señalar cierta gradualidad de la propiedad expresada en el adjetivo, como se advierte en *poco femenina*, *bastante femenina*, *demasiado femenina*. Aplicados a sustantivos, estos modificadores señalan la presencia intensa o atenuada de algunas propiedades parciales activadas por los sustantivos, como ocurre con *demasiado mujer*, *suficiente mujer*, *bastante mujer*, *toda una mujer*, *poca mujer*. Eso es así porque, como el adjetivo, el sustantivo supone un cúmulo de propiedades (véase Frawley, 1992: 441), atribuidas en este caso a *mujer*. Bien se advierte que no es lo mismo (des)intensificar la propiedad de un adjetivo que de un sustantivo. Usos como los anteriores implican que en el discurso *mujer* puede tener mayor o menor cantidad de rasgos o propiedades atribuidas al sexo femenino. Por eso, ciertas posturas proequidad y profeministas, rechazan estos modos de referirse a la mujer, algunas incluso prohíben estas formas de hablar, porque detectan en estos usos discursivos la ideología heteropatriarcal. Por nuestra parte, más que jugar el papel de inquisidores lingüísticos, un papel que últimamente están desempeñando incluso algunos gramáticos muy destacados, en este trabajo nos concretamos a constatar que estos modos de hablar existen, y pretendemos explicar su semántica y sus implicaciones

en torno a lo femenino.

Mujer es muchas cosas (una palabra, un misterio, un referente), también es una categoría. Puede parecer escandaloso decir que sujetos dentro de la categoría *mujer* presentan para la mayoría de los hablantes ciertos grados de prototipicidad, pero también cierta estereotipicidad. Prototipo lingüístico es el mejor ejemplo de una categoría (Rosch, 1975); estereotipo sexista es un constructo cultural acuñado unas veces con fines de comunicación inmediata y, otras veces, más frecuentemente, con fines discriminatorios. Metidos en el terreno de los prototipos y los estereotipos, es difícil ejemplificar sin causar cierta molestia qué es un prototipo de *mujer*, pero no creemos suscitar polémicas si afirmamos que Brigitte Bardotte está más cerca del prototipo de mujer (es un mejor ejemplo de mujer) que la mujer barbona del circo, las amazonas, la medusa o las arpías. Brigitte Bardotte tiene más rasgos que prototípicamente se han atribuido a la mujer, igual que nuestras madres o primas, que la medusa: usualmente las mujeres no tienen cabellos de serpientes. El prototipo constituye el uso que adquirimos más pronto a nivel de desarrollo cognoscitivo, es el significado en el que primero pensamos los sujetos. Así, cuando decimos *dama* pensamos en primera instancia en ‘una mujer de buenos modales’ no en una ‘objeto de juego’ como en *las damas chinas* (véase Langacker, 2000), un significado extendido para esa categoría. El estereotipo, por su parte, es un “instrumento cognoscitivo que torna los encuentros sociales de azarosamente impredecibles en un asunto usual” (García-Marques, 1999: 979) Tal vez el problema central del estereotipo es “tratar a muchos individuos únicos como miembros similares de una categoría y asumir la presencia de muchas otras cualidades categoriales relevantes sin tener que verificar su existencia” (García-Marques, *loc. cit.* La traducción es nuestra). Así, en los estereotipos sexistas una mujer debe tener enormes senos, enormes caderas, debe menstruar, tener hijos y ser leal, idealista, discreta, etcétera. Se comprenderá que el llamado “eterno femenino” no es sino una suma de estereotipos: un cúmulo de creencias que tratan de definir la esencia universal de la mujer, en términos de sensualidad, entrega, belleza, pasividad, amor, etcétera.

No siempre coincide el prototipo y el estereotipo, aunque a veces eso es así. Prototipos y estereotipo cumplen una función cognoscitiva, sin embargo el estereotipo es un peligro en la relación social, en tanto que el prototipo es no más que un recurso del conocimiento y la comunicación humana.

Considerar la singularidad de un caso puede llevarnos a entender las diferencias entre prototipo y estereotipo. Aunque a nivel de sujetos individuales puede haber una mujer con bigotes o, por algún hecho extraño de la naturaleza con cojones (testículos), este fenotipo anatómico no es el dominante, no es prototípico de la categoría *mujer*. Una mujer con bigotes o con cojones supone un alejamiento del prototipo, cualquiera que sea la lectura que se dé a predicaciones como las que aparecen en (1):

1. a. Tiene una prima de **no malos bigotes**. (Anónimo colectivo, 2001, *s.v. malos bigotes* en Google).

b. Ella tenía **mucho más cojones que yo** (De Kamora, K.: SP en Google).

Esas predicaciones son en sí mismas extrañas, raras, dado que presentan mujeres completamente alejadas del prototipo de mujer. Entendemos el significado extendido, metafórico de esas expresiones, pero indudablemente se alejan del prototipo y se aproximan al estereotipo, porque expresan estereotipos masculinos de belleza (situada por algunos en los bigotes) y de valentía (situada por otros en los *cojones* o *testículos*). Las dos predicaciones antes señaladas invisibilizan cualidades singulares propias de la mujer o en todo caso piensan lo femenino con base en lo masculino.

De la misma manera, según mostraremos, cuando dentro del discurso generalmente heteropatriarcal se califica a alguien como *poca mujer* o como *mucha mujer*, se piensa en prototipos, pero el tipo de construcción provoca en los hablantes el fortalecimiento de estereotipos. ¿Qué implica *ser mucha mujer, poca mujer, demasiada mujer, muy mujer, muy poca mujer*? Podrían intentarse respuestas muy feministas, combativas e inusitadas como las que aparecen en (20)-(23), pero las respuestas más frecuentes hacen incurrir a los hablantes en estereotipos sexistas.

El trabajo muestra que la semántica léxica de la palabra *mujer* se intensifica o atenúa para resaltar generalmente ciertas características estereotípicas de lo femenino.

DESCRIPCIÓN DEL MÉTODO Y TEORÍA

El método del presente trabajo se apoya en la semántica cognoscitiva y discursiva. Se trabaja con total de 23 usos extraídos en su mayoría del *Corpus de Referencia del Español Actual* (en adelante, CREA); se muestra el modo en que las frases categorizadoras (por ejemplo, *toda una mujer*, subrayada y en cursiva) se relaciona con su explicitación semántica (en otras palabras, por qué *toda una mujer es toda una mujer*). No se trata en el trabajo de describir nuestras creencias, sino las creencias y el discurso de los hablantes. En esta explicitación (indicada en el trabajo con negritas) se detectan estereotipos sobre la *mujer*, los cuales, como se mostrará, se inscribe en distintos dominios de experiencia.

Como las frases que se estudian van acompañados de intensificadores y desintensificadores, se describen, en primer lugar, estas herramientas del lenguaje.

El rasgo común de *demasiada, mucha, suficiente, bastante, toda una* y *poca* reside en que establecen una gradación o ponderación del adjetivo o sustantivo al que modifican en una escala que va de lo más bajo a lo más alto, correspondiendo lo más alto a valores considerados semánticamente como positivos y lo más bajo a valores considerados semánticamente como negativos, según se ilustra en la tabla 1:

↑	<i>Demasiado</i>
	<i>Bastante</i>
	<i>Toda</i>
	<i>Suficiente</i>
	<i>Poca</i>

Tabla 1. Semántica de las categorías escalares o graduables.

Las palabras de la segunda columna en la tabla 1 cuantifican la propiedad presente en el sustantivo o en el adjetivo, unas veces intensificándola (*demasiado*, *suficiente*, *bastante*, *toda una*) y otras veces desintensificándola (*poca*, *muy poca*, *casi no es*). Explicamos en el siguiente párrafo el significado de algunos intensificadores y desintensificadores frecuentes en la lengua española, a partir de la función que cumplen al acompañar a adjetivos escalares o a sustantivos conceptualizados escalarmente.

Demasiado coloca a la cualidad “por encima de lo que se considera normal o aceptable, una cantidad excesiva” (Fuentes, 2006: 41) *Toda una* sitúa también la cuantificación en la parte positiva de la escala, supuestamente en el límite perfecto, de modo que el adjetivo cumple exactamente con la cualidad o propiedad expresada por la escala. *Todo un/a* es un reforzador de categorialidad que sirve para ubicar una propiedad del sustantivo en un situación de perfección. *Bastante* y *suficiente* señalan la posesión de la propiedad en una fase “superior en la escala” (Fuentes, 2006: 41). *Bastante* en los distintos usos presenta como valor central, una propiedad positiva de suficiencia, que a veces se precisa mediante el señalamiento de una finalidad, como ocurre con *soy lo bastante mujer como para...* *Bastante* en algunos contextos equivale a *muy*, *mucho*. *Poco* implica no la ausencia de la propiedad, sino un valor por debajo de la media, por lo cual la ponderación realizada en la frase categorizadora es negativa.

Con *mujer*, las predicaciones antes enunciadas presentan ciertas particularidades semántico-discursivas. En todo los usos que se comentan en este trabajo identificamos, por principio, al (des) intensificador (*mucha*, *demasiada*, *poca*, etc.); la frase categorizadora en la cual se integra este (des)intensificador, como ocurre en *mucha mujer* o *poca mujer* y, casi siempre, la explicitación semántica de esa frase categorizadora, es decir, las razones por las cuales se habla, por ejemplo, de *mucha mujer* o *poca mujer*.¹ Esta explicitación semántica puede aparecer antepuesta (como en 2), postpuesta (como en 3) o como enmarcando la frase, es decir, antepuesta y postpuesta (como en 4).

2. Con **el pelo recogido, maquillada y vestida con traje largo**, Marisol era toda una mujer. (España, costumbres).

¹ De (2) en adelante todos los ejemplos corresponden al CREA. El ejemplo (2) y los que siguen dan cuenta del sistema de notación empleado en el presente artículo para citar exclusivamente los usos literarios del CREA. Así, se coloca entre paréntesis la nacionalidad del escritor, el género, el nombre del autor abreviado y la obra. En consonancia, Cabrera I., G. corresponde a Cabrera Infante, Guillermo y LHPID a *La Habana para un infante difunto*. Dejamos la abreviatura sin aclaración exclusivamente para los conocedores de la literatura latinoamericana, no hace falta a los lectores conocer más. En los otros usos no literarios, simplemente se indica el registro, por ejemplo, prensa, oral, deportes, etc.

3. A sus quince años, Helga parecía toda una mujer [...] **su pecho un poco robusto**, y [...] **las rodillas** que, cuando Helga se agachaba, **atraía las miradas de los hombres** hacia el oscuro comienzo **de sus bien formadas caderas** [...] (España, novela, Rovinski, M., HDS: 187)

4. **Su cadera era alta y redonda: era la cadera** de nada menos que toda una mujer, aunque **no era gorda, tenía la suficiente carne para mostrarse más ideal de Rubens que de Velázquez**. (Cuba, novela, Cabrera I., G., LHPID: 439)

La tabla 2 evidencia la explicitación semántica que aparece antes de la frase categorizadora (ejemplo 1), después de esa frase (ejemplo 2) o enmarcando antes y después a la frase categorizadora (ejemplo 3).

Frase categorizadora	Explicitación semántica antepuesta	Explicitación semántica pospuesta
(2) Marisol = toda un mujer	Con el pelo recogido	∅
	Maquillada	
	Vestida con traje largo	
(3) Helga = toda un mujer	∅	Su pecho un poco robusto
		Las rodillas que... atraían las miradas de los hombres
		Sus bien formadas caderas.
(4) Ella= toda una mujer	Cadera alta y redonda	No era gorda
		Ideal de Rubens, no de Velázquez

Tabla 2. Explicitación semántica antepuesta, pospuesta y enmarcadora.

En los ejemplos de (5), aunque la explicitación semántica no aparece en la superficie discursiva, gracias al conocimiento enciclopédico, los interlocutores saben a la perfección, a partir de los parámetros preexistentes en los concursos y en las revistas para caballeros qué es lo que podría significar la predicación *ser toda una mujer*. Se advierte a primera vista que se vincula más con los atributos físicos de la mujer (el famoso 90-60-90 y otras cualidades anatómicas estereotipadas) que con sus cualidades mentales:

5. a. Una vez coronada Miss Navarra, varios de los integrantes del jurado comentaron que no habían tenido dudas a la hora de elegir a la ganadora. “Yo lo he tenido muy claro desde el principio”, aseguró el dietista Txumari Alfaro. “Me fijé en ella cuando la entrevistamos. Me pareció toda una mujer”, afirmó. (España, prensa)

b. Y por el mismo precio voy y les cuento que Emma Suárez, de cuyo desnudo aparecido en “Interviú” todavía se sigue hablando, cobró dos millones y medio por posar así [...] Para que los directores vean que ya es toda una mujer y no le sigan ofreciendo papelitos de niña (España, prensa)

Nuestro método consistirá, entonces, en estudiar la semántica de estos elementos

de la construcción y del discurso, a saber, (des)intensificadores, frases categorizadoras y explicitaciones semánticas. Se agrupará cada estereotipo presente en la explicitación semántica en el dominio cognoscitivo específico y se explicará asimismo el modo en que la lengua puede escapar del estereotipo, incluso cuando se presentan estas combinatorias rígidas.

RESULTADOS SOBRE LA FORMULACIÓN DE LOS ESTEREOTIPOS SEXISTAS EN EL DISCURSO

Como los significados de las palabras y oraciones, los estereotipos se sitúan preferentemente en terrenos, áreas o dominios cognoscitivos específicos. En los siguientes apartados ejemplificaremos brevemente cada caso.

Sexualidad y el erotismo

En estos dominios se sitúan explicitaciones semánticas que describen la presencia o ausencia de maestría o pericia femenina en el arte amatorio, según se muestra en (6) y (7):

6. [...] hasta que sentí cómo **se metía en la cama, penetraba debajo de la sábana y venía hacia mí, sobre mí** [...] una mujer, *toda una mujer*, mi primera mujer en mi vida. (Cuba, novela, Cabrera I. G, LHPUID: 428).

7. ¿Cuál fue tu tercera objeción?/ - Ah, ya, la tercera, **la de carácter erótico...** Que Thais es *mucha mujer* para mí (España, relatos, García, H. J., MC: 110)

Belleza

Este dominio presenta variantes, unas veces se entiende la belleza en términos generales, (8a), otras como lindura física (8b) y otras más como plenitud anatómica (8c).

8. a. [...] Matilde *era toda una mujer*, **bella y atractiva** [...] (España, testimonio, Llorens, L., ARDUV: 85)

b. Isabel *era toda una mujer* también... **Tenía un cutis maravillosamente claro y frágil, un cutis de pétalo de rosa de té** [...] (España, novela, García S., J., LHMT: 233-234)

c. *Es mucha mujer* Viridiana Arroyo, un mujerón [...] la verdad sea dicha, es **la más bella mujer del pueblo, famosa por su cara, por sus piernas, por sus brazos, por su pelo negro, por sus ojos de brasa, por las nalgas movedoras, por las tetas gozosas...** (Venezuela, novela, Morón, G., EGEO: 176)

Ser mucha mujer empleado para señalar la plenitud anatómica es el uso más frecuente. Este uso resalta sobre todo las cualidades carnales de la mujer: enormes senos, nalgas prominentes, piernas turgentes, etcétera.

Arreglo personal

9. Los usos de (9a) y (9b) muestran que la explicitación semántica se ubica en el dominio del arreglo personal:

a. [...] **cuando Rosa se acharaba** todavía **estaba más guapa que de costumbre**, que entonces no podía disimular que era *toda una mujer* [...] (España, relatos, Mendicutti, E., FDM: 142-143)

b. Pero hija ¿vas a salir así? **Pareces un escaparate**. [...] La familia comenzó a inquietarse por la suerte de Balbina, que, pese a su mente infantil, *ya era toda una mujer*. (Chile, novela, Donoso. J., CDC: 62-63)

Achararse y parecer un escaparate son maneras de designar el arreglo excesivo

Estado civil, la mujer casada

Una muestra del carácter discriminador de estas predicaciones aparece en (10), en donde se considera que la mujer casada es *toda una mujer*, de modo que la mejor expresión de la plenitud es el matrimonio.

10. MICO Meche... tu hija... ya no es la niña que recuerdas. *Es toda una mujer ahora...*/MECHE ¡Ya sé!/ MICO **Está casada, ahora...** (Chile, novela, Wolff, EK: 235)

Distintos tipos de desarrollo

Otras veces las explicitaciones semánticas se sitúan en el dominio del desarrollo, concebido de modos diferentes, como edad biológica relativamente avanzada de 14, 15 o 20 años (en 11a y 11b), desarrollo fisiológico manifiesto por la menstruación (12), anatómico visible en el estirón de la adolescencia (13) o económico representado por la posibilidad de poseer una casa (14).

Edad

11. a. - Porque usted ya es *toda una mujer*, **ya cumplió veintiuno**. (España, Quesada R., BB)

b. **Una muchacha de catorce años**, hoy en día, *es toda una mujer*. (España, oral)

Fisiología

12. “ [...] Luz Fatimita **ha tenido su primera regla**. Nuestra hija *es ya toda una mujer*.” (España, tratado de costumbres)

Anatomía

13. Qué guapa está su chica, señor Ceferino./- **Se ha puesto guapa, sí./- Y qué estirón ha pegado**. *Es toda una mujer*.

Economía y finanzas

14. Rosita empezó a sentirse *toda una mujer con su nueva casa y su nuevo idiota*. (España, novela, Momba, J. HAKV: 97-98)

El idiota en (14) es el hombre que le paga la casa y la mantiene en pujanza económica.

Virtudes y valores morales femeninos

Se vincula a la mujer con varios valores morales considerados como “muy femeninos” por la visión heteropatriarcal, tales como el idealismo (15), la nobleza (16^a y b), la generosidad y la comprensión hacia los hombres (17), la discreción y reserva (18), la sobriedad (19). Los valores opuestos son frecuentemente atribuidos a los hombres, de modo que algunos hombres los consideran defectos. Así se deduce que no es muy femenino “una mujer extrovertida” (opuesto a la discreción y la reserva) o una mujer que manifieste “alegría festiva” o afición por las bebidas embriagantes (cualidades opuestas a la sobriedad).

15. Itziar, la [hermana] pequeñita, *toda una mujer*. [...] **Con entrega total a los ideales que defendía**. No sé siquiera cuáles eran sus ideales. Pero sí conozco su postura ante la vida. (España, novela, Palou. I. CA: 160)

a. Carmen piensa que ella no me gusta y, en realidad, *es mucha mujer para mí*, **es demasiado noble, ella es gigantesca**. (Puerto Rico, Prensa actual, 2002)

b. Ella se comportó **con frialdad, con superioridad, con paternalismo** tal vez. No quiso que ocurriera algo entre los dos **para no perjudicarme**. Ella me ha ganado. Es mucha mujer. (España, novela, Manuel, AQJAT: 13)

17. [...] así era su chola, *toda una mujer*, **sólida, generosa, comprensiva, perfecta** [...] (Perú, novela, Echenique B., LVEDMR: 221)

18. La despedida de soltera tenía que ser un banderín de enganche. **Todo un símbolo de la reserva de toda una mujer**. Porque María era *toda una mujer* [...] (España, novela, Pombo A. EMDPI: 10)

19. De adolescente, cuando ya aparentaba *ser toda una mujer*, decían: [...] “Es mona, **pero bebe demasiado** [...] (España, novela, García S. J.: LHMT: 233-234)

RESULTADOS SOBRE LA RUPTURA DE LOS ESTEREOTIPOS SEXISTAS

Cabe señalar que no siempre las explicitaciones semánticas introducen estereotipos sexistas. La lengua con sus frases hechas es una cárcel, un instrumento que nos obliga a decir o a pensar apresuradamente en términos de estereotipos. No obstante, los hablantes aun dentro de los moldes fijos de la lengua pueden escapar del estereotipo, según se advierte en el ejemplo (20):

20. Yo había llegado a la universidad con dos urgencias apremiantes para sentirme

toda una mujer: la primera, perder la virginidad; la segunda, darme a conocer en la acción política.

Más que repetir el estereotipo, aseveraciones como las de (19) sitúan un tipo de mujer que no tan frecuente en la cultura heteropatriarcal, la mujer que practica la libertad sexual y la acción política. Se trata de una manera alternativa de entender lo que significa la frase hecha *ser toda una mujer*. La predicación de (21) muestra también que, incluso dentro de los estrechos márgenes de estas frases hechas, el hablante femenino puede escapar del estereotipo sobre el papel receptivo de la mujer en la relación sexual:

21. Beatriz era mucha mujer para el hombre más pintado. **El hombre, decía, no tiene sexo. Si es verdadero, él mismo es su sexo. Cuando es egoísta y mezquino, y lo es casi siempre, se refocila él solo y no comparte el placer con su compañera.** (Paraguay, novela, Roa, B. A.: VDA: 224)

En el uso (21), la explicitación semántica de por qué Beatriz es mucha mujer reside en su independencia, irreverencia y postura crítica en relación al modo erróneo en que muchos varones entienden su sexualidad: algunos hombres no comparte el placer que siente con sus compañeras. Una caracterización que también escapa del estereotipo sexista aparece en los usos de (22), en donde se presenta a una mujer no sumisa y, por el contrario, “dispuesta siempre a salirse con la suya”.

22. Demasiada mujer, como dice su marido; **y exigente, absorbente, intransigente, dispuesta a salirse siempre con la suya**: no, no la define mal Eloy.

En (23) se recrea un pasaje de la vida de la escritora Victoria Ocampo, según el novelista toda una mujer, quien por el hecho de ser artista y latinoamericana, no se devaluó nunca al lado del célebre científico psicoanalista europeo Jacques Lacan:

23. He aquí la soberbia contestación de Victoria Ocampo: “[Lacan] **era el amantito de la mujer de Drieu**”. No estoy seguro de que Lacan pueda considerarse enteramente una persona humana. Lo que queda claro es que Victoria Ocampo era toda una mujer. (Barcelona, novela, Salvador, C. G., EEDC: 214)

En esta predicación se minimiza la fama y prestigio del famoso psiquiatra y filósofo Jacques Lacan (reducido el amantito de la mujer de Drieu) y se maximiza la figura de la escritora argentina Victoria Ocampo (toda una mujer), la cual rechaza el papel de los y las amantes.

CONCLUSIONES

Los usos analizados en este artículo corroboran que *demasiada mujer*, *toda una mujer*, *lo bastante mujer*, *suficiente mujer* son frases categorizadoras que suelen introducir estereotipos. Así, en el discurso se muestra que según algunos hablantes para *ser toda una mujer* se debe tener edad suficiente, buen cuerpo, plenitud anatómica, belleza en el rostro o en el cutis, arreglo personal excelente, estar casada, menstruar, tener hijos. *Poca*

mujer, por el contrario, en los estereotipos, es la niña o adolescente en desarrollo, carente de belleza, desarreglada, soltera e incapaz procrear. Aquella que en el habla se le califica como *poca mujer*, ni siquiera han cumplido los quince años para aparecer en sociedad. A nivel moral, *demasiado mujer*, *mucha mujer* o *toda una mujer* son aquellas mujeres que presentan las virtudes consideradas femeninas, como nobleza, idealismo, generosidad y comprensión, discreción, reserva ante los asuntos y sobriedad, entre otras “virtudes”. Se infiere que *poca mujer* es aquella que presenta los atributos contrarios: excesivo realismo, falta de nobleza, egoísmo, tendencia a la indiscreción, ausencia de reserva y tendencia a la embriaguez.

Las predicaciones que se estudian en este artículo suelen emplearse para formular estereotipos sobre lo femenino circulantes en algunos usos del discurso heteropatriarcal, el cual más que corresponder a los autores corresponde a los personajes ficticios que construyen. Con todo, se ha mostrado que incluso en las frases hechas (des)intensificadoras, los hablantes pueden escapar del estereotipo, planteando formas alternativas de conceptualizar a la mujer, como un ser independiente, liberado de trabas sexuales y culturales, con una alta autoestima y con sus propias ideas para el ejercicio de acción política o moral.

REFERENCIAS

Anónimo colectivo, *Jergozo, el diccionario más completo de jergas hispánicas*, <https://jergozo.com/diccionario-mexicano/definir/de-no-malos-bigotes> (Consultado 09/10/2021)

Fuentes Rodríguez, Catalina (2006), “Operadores de intensificación del adjetivo: Los cuantificadores escalares”, en *Anuario de Estudios Filológicos*, Departamentos de Filología Hispánica y Lingüística General, vol 29, pp. 35-53.

García-Marques, Leonel y Diane M. Mackie (1999): “The Impact of Stereotype-Incongruent Information on Perceived Group Variability and Stereotype Change”, en *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 77, núm. 5, 979-990.

Frawley, William (1992): *Linguistics Semantics*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Langacker, Ronald (2000): “Estructura de la cláusula en la gramática cognoscitiva,” en *Lingüística aplicada. Volumen monográfico*, Querétaro: Universidad Autónoma de Querétaro, pp. 19-65.

Lakoff, George (1973), “Hedges: A Study in Meaning Criteria and the Logic of Fuzzy Concepts”, en *Journal of Philosophical Logic*, Vol. 2, No. 4 (Oct., 1973), pp. 458-508

Real Academia Española (2016): *Corpus de Referencia del Español Actual (CREA)* en <http://corpus.rae.es/creanet.html> (Consultado 09/09/2019).

Ruiz de Mendoza Ibáñez, Francisco José (2000). "Primitivos semánticos y modelos cognitivos en la organización del conocimiento", en Scire. Representación y organización del conocimiento, vol. 6, núm.2. julio-diciembre, pp.79-98. (Veáse también URL: www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/1135 (Consultado 21/06/18)).

Rosch, Eleanor (1975): "Natural categories", en *Cognitive Psychology* 4, pp. 328-350.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actores 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119

Agricultura familiar 92, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Agroecologia 187, 189, 190, 191, 197, 198, 199

Álgebra 27, 28, 29, 30, 40, 41

Alunos 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 40, 41, 52, 58, 60, 61, 62, 66, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 91, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 121, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 137, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 201, 204, 205, 207, 210, 211

Aprendizado ativo 207, 212

Aprendizagem cooperativa 101, 102, 103, 105, 107, 108, 110, 111

C

Ciudadanía 4, 112, 113, 116, 119, 120

Comercialização direta 187, 189, 190, 192, 196, 197, 199

Competências socioemocionais 13, 14, 18, 24

Conhecimento 13, 15, 16, 17, 21, 23, 24, 32, 38, 52, 53, 58, 67, 70, 71, 72, 79, 85, 88, 89, 90, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 122, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 137, 138, 141, 150, 166, 167, 168, 169, 170, 203

Currículo docencia educación superior 42, 43

D

Design sprint 207, 208, 210

Discurso 127, 175, 176, 178, 181, 184, 185

Diseño curricular 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50

Drenagem linfática manual 213, 214, 217, 219, 222, 223

E

Educação 13, 14, 15, 18, 23, 26, 27, 29, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 52, 57, 75, 79, 88, 89, 90, 91, 97, 100, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 143, 149, 150, 151, 164, 166, 167, 193, 197, 203, 212, 213, 214, 219, 222, 223, 226, 240, 241

Educação à distância 121, 130, 132

Educação de jovens e adultos 88, 89, 100, 241

Educación digital 1

Educación mediática 1, 3, 6, 10, 12

Efeito fotovoltaico 200
Eficiência térmica 224
Ensino-aprendizagem 14, 52, 66, 75, 121, 125, 129, 133, 227, 240
Ensino de Física 200, 205, 224, 239
Ensino de Química 164, 166, 167, 174
Ensino superior 108, 142, 143, 207, 241
Escola 13, 15, 16, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 33, 41, 88, 90, 92, 97, 98, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 132, 135, 136, 137, 164, 166, 167, 173, 191, 200, 204, 206
Especialidad en docencia 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
Estereótipos 175, 176
Experimentação de baixo custo 224

F

Fenomenologia 79, 82, 83, 86
Formação de professores 41, 121, 125, 127, 131, 132, 133, 241
Fotografia 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174

G

Garrafa térmica 224, 226, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 236, 239
Guia descritivo ilustrado 213, 214, 219, 222

H

Hermenêutica 79, 82, 84, 87
Herramientas tecnológicas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11

I

Iniciação científica 66, 67, 135, 136, 138, 139
Inquérito por questionário 140, 141, 149
Institucionalización 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119
Instrumentos de recolha de dados 140, 149
Investigação em educação 140, 149, 150, 151

L

Leitura 33, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 169, 203, 214, 219, 226

M

Metodologias ativas 207, 212
Motivação 14, 80, 101, 106, 110, 135, 136, 137, 139

Mulheres 92, 109, 175, 187, 190, 191, 192, 193, 194, 215, 217, 218, 222

O

Olimpíada de astronomia 135

P

Paradigma pragmático 140, 142, 149

Pensamento algébrico 27, 28, 29, 30, 32, 33, 39, 41

Plantas medicinais 88, 89, 90, 91, 92, 98, 100

Práticas pedagógicas 52, 89, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 136, 207

Processo 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Processo de ensino e aprendizagem 23, 38, 106, 121

Professores 13, 14, 15, 16, 20, 25, 29, 41, 60, 67, 71, 72, 74, 81, 82, 85, 88, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 201, 207, 209, 210, 241

Protagonismo-juvenil 101

Psicologia 79, 81, 83, 86, 87, 108

Q

Qualidade de vida 23, 127, 213, 214

R

Radiografia Bitewing 51

Radiografia Interproximal 51, 53, 68, 69, 70

Regularidades 27, 28, 29, 30, 31, 38, 39

Representações semióticas 27, 29

Revelação por oxirredução 164

S

Semântica 175, 176

Sexismo 175, 176

T

TDIC 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

Técnica radiográfica interproximal 51, 53, 64, 65

Teologia 79, 82, 86

Termodinâmica 224, 240

Termômetro digital de baixo custo 224, 226, 240

TP(A)CK 121, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132

Tratamento de dados 140

U

Unidade de ensino 200, 202, 205

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

4

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

4

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

